SOLENIDADES DA SEMANA SANTA

Holy Week
Semaine Sainte

1996

BRAGA
PORTUGAL

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA * REGIÃO DE TURISMO VERDE MINHO

EDITORA CORREIO DO MINHO - BRAGA

SEMANA SANTA/96

SEMANA SANTA/96

CONCERTO CORAL SINFÓNICO

Alunos do Conservatório Calouste Gulbenkian de Braga

Coro do Conservatório
Orquestra do Conservatório

Solistas: DORA RIBEIRO RODRIGUES (Soprano)
JOANA SANTOS MOREIRA (Mezzosoprano)

Maestro: ANTÓNIO SOUSA BAPTISTA

Sé Catedral de Braga

Segunda-Feira Santa

1 de Abril de 1996 · 21.30 horas

PROGRAMA

I PARTE

W. A. Mozart: Excertos da «MISSA BREVIS»
— Coro e Orquestra

W. A. Mozart: «AVE VERUM»
— Coro e Orquestra

J. S. Bach: CORAL DA CANTATA N.º 147
— Coro e Orquestra

II PARTE

Pergolesi: «STABAT MATER»
— Coro (feminino), Solistas e Orquestra

W.A. MOZART

(Ver pág. 23 deste Programa).

JOHAM SEBASTIAN BACH

O mais novo dos seus filhos de Johann Ambrosius B. e Elisabeth Lämmerhirt B. (Eisenach, 21-3-1685 — Leipzig, 28-7-1750). Órfão de pai e mãe aos 10 anos, é acolhido pelo irmão mais velho, Johann Christoph, em Ohrdruf. Cinco anos mais tarde emancipa-se da tutela fraterna e até à maioridade exerce os cargos de corista (numa igreja de Lüneburg), músico doméstico (de um irmão do duque de Weimar) e organista (em Arnstadt). Em 1707 passa a Mülhausen, onde casa com uma prima, Maria Barbara B., que lhe daria sete filhos, entre os quais W. Friedemann e C. Ph. Emanuel. No ano seguinte regressa a Weimar, desta vez para uma estada prolongada: 10 anos, ao serviço do duque reinante, como violinista e organista da corte e, mais tarde, mestre de concerto. Com 30 anos a sua fama de concertista é já enorme, sendo frequentes os convites para tocar cravo, violino, ou órgão, em várias cidades alemãs. Em 1717 entra ao serviço do príncipe Leopoldo de Anhalt em Cöthen, como mestre de capela. Esta situação orienta para novos rumos a sua obra de compositor. Embora tendo até aí experimentado vários géneros de composição musical — nomeadamente cantatas religiosas e peças profanas para cravo (os *Caprichos* dedicado a dois dos seus irmãos, p. ex.) — o grosso da produção de J. S. B. destinara-se ao preenchimento das suas funções de organista. Agora, o contacto com o príncipe Leopoldo (esclarecido amador de música) provoca um grande surto de música instrumental. Nos seis anos seguintes sucedem-se as peças para instrumentos de arco, de sopro ou de tecla (os seis *Concertos Brandeburgueses*, p. ex.). Em 1720 morre-lhe a mulher; mas no ano seguinte casa de novo, com Ana Magdalene Wülken, da qual teria 13 filhos. Dois anos depois, nova mudança radical: de terra, de vida e de produção. A última: daí até ao fim da vida, durante 27 anos, J. S. B. é *cantor* da Escola de S. Tomás de Leipzig, i. é, o fornecedor de música e de músicos para a liturgia da igreja local. São os anos das grandes criações de carácter religioso — paixões, missas, oratórias e cantatas. O que não significa descuro da música secular: são deste último período a *Oferta Musical*, a *Arte da Fuga* e grande parte da sua obra para cravo, nomeadamente o 2.º caderno do *Cravo Temperado*, as *Partitas*, os *Concertos para cravo e orquestra*, o *Concerto Italiano* e as *Variações Goldberg*. Para o fim da vida tolda-se-lhe a vista; uma intervenção cirúrgica deixa-o quase cego e sem forças; e um ataque de apoplexia prostra-o definitivamente. Após a sua morte, a obra deixada cai rapidamente em desuso — o que, à primeira vista, parece inexplicável, atendendo ao seu valor ímpar. Mas o momento histórico era de transição e J. S. B. representava a cristalização perfeita de um período cuja estética já fora ultrapassada, ainda em sua vida. Os seus filhos navegam já noutras águas, galantes ou pré-românticas, trabalham nos alicerces do novo edifício, da futura sonata. J. S. B. é o padrão que fecha uma época,

definindo-lhe os extremos limites: é o fim e o expoente máximo do século barroco; e o século seguinte, porque antibarroco, esquece-o (com raras excepções: Mozart, p. ex.). A redescoberta deve-se a Mendelssohn, em meados do séc. XIX. No centenário da sua morte iniciou-se a publicação integral da sua obra, cuja difusão não mais deixaria de aumentar. Hoje (e em definitivo), J. S. B. é unanimemente considerado uma das três ou quatro figuras máximas da história da música.

(in «Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura»)

PERGOLESI (Giovanni Battista)

Compositor da esc. de ópera napolitana, tb. chamado Pergolese (Jesi, 1.1.1710-Pozzuoli, 16.3.1736). Completou os seus estudos musicais no *Conservatorio dei Poveri* de Nápoles, onde começou por se fazer notado como violinista. Apesar de ter morrido tuberculoso aos 26 anos, ainda foi mestre de capela da corte de Nápoles. A sua última obra foi o célebre *Stabat Mater*, embora a sua coroa de glória pública esteja na ópera *La Serva Padrona*, que, em França, assoprou as chamas da *Querelle des Bouffons* (1752) entre os italianizantes e os francesistas. Todavia opina-se que a sua melhor ópera é *Lo frate'unamorato* (libreto em dialecto napolitano). É famoso o legendário gesto de Leo, que o teria abraçado publicamente em 1732, após P. ter dirigido uma missa para dois coros, propiciando a Providência para pôr termo a terríveis sismos então ocorridos.

(Blanc de Portugal, in «Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura»)

DORA ALEXANDRA ANTUNES RIBEIRO RODRIGUES

Nasceu a 8 de Fevereiro de 1979, em Braga. É finalista do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, onde iniciou os seus estudos musicais, aos nove anos, nas classes de piano das professoras Ema Pais Martins, Augusta Perestrelo, Eduarda Monterroso e, actualmente, Fátima Abreu.

É aluna de percussão na classe do prof. Rui Gama, tendo, nesta especialidade, participado em concertos com a Orquestra de Câmara de Braga, em Braga, Caldelas e Póvoa de Lanhoso.

Na área vocal, frequenta as classes de conjuntos vocais, música de câmara, coro e canto dos professores Maria José Ribeiro e António Baptista, tendo participado em diversas audições no Conservatório, Academia de Música de Barcelos e Câmara de Vila Verde. Faz parte do Coral Sinfónico da Orquestra de Braga.

Em 1995, na qualidade de participante, frequentou o 1.º curso de canto da Academia de Barcelos com o prof. Oliveira Lopes e o 1.º Seminário de Canto do Conservatório de Braga, com os professores Maria José Ribeiro e Oliveira Ferreira.

Em 1996, participou, como executante, nos cursos de Aperfeiçoamento Musical da Academia de Música S. Pio X, em Vila do Conde, com o prof. Oliveira Lopes.

JOANA MARIA SANTOS MOREIRA

Nasceu a 27 de Junho de 1978, em Braga. É finalista do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, onde iniciou os seus estudos aos 10 anos, na classe de piano da professora Graça Miranda.

É aluna da classe de percussão do prof. Rui Gama, tendo, nesta especialidade, participado num concerto, em Braga, com a Orquestra de Câmara de Braga.

Na área vocal, frequenta as classes de conjuntos vocais, música de câmara, coro e canto dos professores Maria José Ribeiro e António Baptista, tendo participado em audições no Conservatório. Faz parte do Coral Sinfónico da Orquestra de Braga.

Fez cursos de aperfeiçoamento com o prof. Oliveira Lopes e com os professores Maria José Ribeiro e Oliveira Ferreira.

ANTÓNIO SOUSA BAPTISTA — Maestro

(Ver pág. 26 deste Programa).

ORQUESTRA

A Orquestra do Conservatório de Música constitui-se oficialmente em 1993, resultado da introdução da disciplina de Orquestra no novo plano de estudos da escola. Ela veio dar corpo a um trabalho extracurricular que se vinha a desenvolver, neste estabelecimento, desde 1990, com alunos dos vários graus de ensino, a partir das classes de Conjuntos Instrumentais e de Música de Câmara.

A sua actividade tem fomentado um progresso considerável dos alunos a nível instrumental bem como uma maior motivação na escolha de diferentes instrumentos de orquestra: Violino, Viola d'Arco, Violoncelo, Contrabaixo de Cordas, Oboé, Trompa, Percussão, etc...

Tem realizado Concertos formais e didácticos na escola, na cidade e nos diversos concelhos do Distrito de Braga. De entre estas actuações salienta-se a participação nas Celebrações da Semana Santa em Braga, no Concerto de Verão no Rossio da Sé de Braga, nas Festas da Amendoeira em Flor em Vila Nova de Foz Côa, no Festival da Canção Juvenil do Distrito de Braga e nas Comemorações do XXXV Aniversário da criação e XXV da inauguração das actuais instalações do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian.

Do seu repertório destacam-se obras de Bach, Haydn, Mozart, Dall'Abaco, Purcell, Haendel, Manuel Faria e Joly Braga Santos.

CORO

A formação do Coro dos alunos do Conservatório foi, também, resultado do novo plano de estudos da escola e apresentou-se em público pela 1.ª vez no Concerto de Natal de 1993. Desde então, tem realizado vários Concertos na escola, na cidade e fora dele.

Do seu repertório destacam-se obras de Bach, Vivaldi, Haydn, Mozart, Beethoven, Crassini, D. João IV, J. Braga Santos, etc...

O Coro geral integra um pequeno Coro de Câmara, constituído pelos alunos mais avançados (ensino secundário e supletivo) de cuja carreira musical já fazem parte Concertos dentro e fora da cidade, na rádio e na televisão.

Tem realizado vários Concertos na escola, na cidade e nos diversos concelhos do Distrito de Braga. De entre estas actuações salienta-se a participação nas Celebrações da Semana Santa em Braga, nas Festas em Braga, no Concerto de Verão no Rossio da Sé de Braga, nas Festas da Amendoeira em Flor em Vila Nova de Foz Côa e nas Comemorações do XXXV Aniversário da criação e XXV da inauguração das actuais instalações do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian.

SEMANA SANTA/96

CONCERTO CORAL SINFÓNICO

REQUIEM
À MEMÓRIA
DO
INFANTE D. HENRIQUE

Cónego Ferreira dos Santos

Coro da Sé Catedral do Porto

Orquestra Clássica do Porto

Solistas: SÍLVIA CORREIA MATEUS (Soprano)
ANTÓNIO SALGADO (Baixo)

Maestro: M. IVO CRUZ

Sé Catedral de Braga

Terça-Feira Santa

2 de Abril de 1996 · 21.30 horas

Concerto patrocinado por:
RECHEIO DISTRIBUIÇÃO, LDA.
(ARMINHO)
NOGUEIRA · BRAGA

Apresentação

A obra *Requiem à memória do Infante D. Henrique* que hoje é apresentada, merece, creio eu, uma apresentação, ainda que sumária. Como cristão, quis que a obra fosse composta a partir das seguintes convicções pessoais:

a) A morte é a projecção e expressão máxima das desordens que o pecado do homem provoca em si mesmo, no outro homem e na Natureza, já que esta existe por causa, para e com o homem;
b) A morte deve ser confrontada e vista à luz da força libertadora e sublimadora do Espírito de Deus, presente no acto da Criação de todas as coisas e em Jesus, ressuscitando-O;
c) A morte não é o fim, não é a tragédia fatal, antes a porta suave e doce para o encontro com Deus — a morada eterna e definitiva dos homens criados à imagem do Criador.

Eis porque a dinâmica geral da obra se apoia muito nesta série de binómios: tensão-distensão; desordem-ordem; trevas-luz; desespero--confiança; confusão-paz; desinteligência-comunhão.

Teilhard de Chardin descobriu no Cosmos uma vocação intrínseca e fascinante: a de se ir libertando, progressivamente, das suas componentes caóticas em direcção à Ordem, à Graça.

Esta intuição do célebre antropólogo e teólogo está, de resto, em consonância absoluta com S. Paulo: Deus quis reconciliar consigo todas as coisas; ou: Tudo é vosso, vós sois de Cristo e Cristo é de Deus. Comungo com toda esta visão das coisas.

Como compositor de Música Sacra entendi que devia:

a) interpretar, fielmente, os textos sagrados (as suas imagens e provocações), assim como os ritos de que os textos são suporte;
b) exprimir as profundas emoções, produzidas pela iluminação da fé, pelos textos e pelos ritos quer do indivíduo, quer na assembleia, a propósito da celebração do mistério pascal da morte e da vida;

c) cometer o atrevimento de tentar exprimir as ressonâncias do pecado (desordem) e da graça (ordem) na Natureza que Deus criou, visceralmente comprometida com o homem;
d) respeitar e integrar na obra melodias ou processos musicais correspondentes a vivências espirituais de outras épocas da vida da Igreja. Detectam-se facilmente várias melodias de Canto Gregoriano: *Requiem aeternam, Dies irae, Kyrie IX, XI e XVIII, Te rogamos audi nos, Ubi Caritas e Amen.* O grito, tantas vezes escondido em composições sacras, do passado, aparece também na obra, por exemplo, *Vem, Senhor Jesus.* O cântico litânico está patente no *Senhor tende piedade de nós* ou no *Santo.*

Compreender-se-á, por isso, que tentei pôr à minha disposição hipóteses de expressão musical que me permitissem estampar a maior variedade e intensidade de emoções possível.

Optei por uma fidelidade telúrico-emotiva a essas emoções. Eis porque chamei para o *Requiem* não só os instrumentos tradicionais, mas também alguns que, raramente, se integram na Música Sacra: é o caso do piano e de alguma percussão. Integrei intervalos, harmonias e passagens praticadas na literatura coral-sinfónica sacra do passado para insinuar que o homem é um ser histórico, fruto de uma torrente imensa de que não se pode excluir. Mas usei (às vezes, decerto, abusei) de falsas relações harmónicas, intervalos incomuns, mudanças bruscas de tonalidade, síncopas, para pintar ansiedade, vivencialidades dramáticas, ou... a alegria e a paz. Não separei as perspectivas históricas das cósmicas ou psicológicas, nem as do passado das do presente.

Dou dois exemplos:

Quando quis insinuar a desordem da Natureza, provocada pelo pecado (o pecado é a causa da morte), não hesitei em combinar, desordenadamente, timbres, harmonias, ritmos e dinâmicas. É o caso da introdução da Sequência e sobretudo do Santo.

Para exprimir a serenidade, a paz e a confiança em Deus, não duvidei em apelar para as cadências perfeitas, antecedidas, na maior parte dos casos, por acordes dissonantes (por exemplo, terceiras maiores sobrepostas) para «dizer» que o repouso em Deus acontece depois de passos marcados pela dissonância das imperfeições humanas. É o caso de «Entre os cordeiros contado» da Sequência.

Esta é uma obra de Música Sacra, na qual as intervenções corais e vocais se apresentam com igual importância às instrumentais e na

qual, também, se tenta descrever, em sessenta minutos, a caminhada do homem que emerge das profundidades sombrias da Terra (início do Intróito) e se dirige até às alturas místicas da luz (final da comunhão).

ANOTAÇÃO FINAL

A obra, hoje apresentada, composta para grande Coro, grande Orquestra, piano e solistas e com a duração de sessenta minutos, é o primeiro Requiem, em língua portuguesa, de dimensão coral-sinfónica.

Preferi os textos da liturgia católica tradicional a outros. Não me deixei impressionar pela literalidade da sua linguagem poética, mais apropriada para tempos e culturas do passado (as figuras de linguagem são sempre efémeras), antes tentei situar-me naquilo que é, na mensagem radical subjacente à referida linguagem poética, para me confrontar com a realidade misteriosa que todo o homem saudável deve ter a coragem e o bom senso de enfrentar:

Vida-morte-vida. Essa realidade misteriosa recebe toda a luz da relação intrínseca existente entre a sexta-feira santa (morte de Jesus Cristo) e o domingo de Páscoa (Ressurreição de Jesus Cristo).

A obra tenta exprimir musicalmente a minha pessoal vivência desse mistério, tremendo e sereno. Devo dizer que a expressão dessa vivência não cabe dentro de qualquer sistema musical por mais lógico que seja. A vida é muito mais do que a lógica.

Para terminar, devo dizer que a obra, encomendada pela Sociedade Histórica da Independência para encerrar as Comemorações do sexto centenário do Nascimento do Infante D. Henrique, começou a ser composta em 1993 e custou cerca de duas mil e quinhentas horas de trabalho.

Cónego Ferreira dos Santos

Texto

INTRÓITO

Antífona

Dai-lhes, Senhor, o eterno descanso
nos esplendores da luz perpétua.

A Vós, ó Deus, é devido louvor em Sião,
A Vós se cumprem os votos em Jerusalém.

Antífona

Dai-lhes...

Oprime-nos o peso das nossas faltas.

Antífona

Seremos saciados dos bens da vossa casa,
da santidade do vosso tabernáculo.

Antífona

Senhor tende piedade de nós (bis).
Cristo tende piedade de nós (bis).
Senhor, tende piedade de nós (bis).

SEQUÊNCIA

Dia de ira, aquele dia,
Volve o mundo em cinza fria:
Diz David e a Sibila.

Que terror não há-de haver
Quando Deus comparecer
para julgar com rigor!

Nos sepulcros ressoando
Vai a tuba convocando
os mortos a tribunal.

A terra inteira estremece
Quando o homem comparece
Para o juízo final.

Um livro será trazido
Em que tudo está contido
Para o mundo ser julgado.

Quando o Juiz se sentar
Tudo se há-de revelar:
A justiça e o pecado.

Pobre de mim, que direi,
Que patrono invocarei
Ao ver o justo em temor?

Rei de excelsa majestade,
Que salvais só por bondade,
Salvai-me no vosso amor.

Recordai-vos, bom Jesus:
Por mim deixastes os Céus,
não me condeneis então.

A buscar-me Vos cansastes,
Pela Cruz me resgatastes;
Tanta dor não seja em vão.

Justo Juiz do castigo,
Usai de graça comigo
Antes de chegar o fim.

Como réu envergonhado,
Sinto-me tremer, culpado;
Tende compaixão de mim.

A pecadora absolvendo
E o bom ladrão acolhendo
Grande esperança me dais.

Embora não seja digno,
Vós me livrareis, benigno,
Dos tormentos infernais.

Entre os cordeiros contado,
Dos precitos separado,
Ponde-me à vossa direita.

Repelidos os malvados
E a vivas chamas lançados,
Suba eu à pátria eleita.

Com profunda contrição
Imploro o vosso perdão:
Ajudai-me na agonia.

Quando nesse triste dia,
Das cinzas em que jazia,
Ressurgir o homem réu,
Perdoai-lhe, Deus do Céu.

Jesus, Deus de majestade
Vivo esplendor da Trindade,
Contai-me entre os eleitos. Ámen.

SANTO

Santo, Santo, Santo,
Senhor Deus do Universo
O céu e a terra proclamam a vossa glória.
Hossana nas alturas.
Bendito O que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

CORDEIRO DE DEUS

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.

COMUNHÃO

Levem-te os Anjos ao Paraíso
À tua chegada recebam-te os Mártires
E te conduzam à cidade santa de Jerusalém.

Eu sei que o meu Redentor vive.
Sobre Ele repousarei o meu olhar.
Vem, Senhor Jesus.
E na minha carne verei a Deus, meu Salvador.

Abri-me as portas da Justiça
Entrarei para dar graças ao Senhor.

Eis o dia que o Senhor fez
Exultemos e cantemos de Alegria
Aleluia, Aleluia.

Eis a porta do Senhor.
Eu sei que o meu Senhor vive.
Vem, Senhor Jesus.

P.E FERREIRA DOS SANTOS

Sacerdote da diocese do Porto, depois de fazer os seus estudos no Conservatório de Música do Porto, com os Prof. Filipe de Pires, Stella da Cunha, Clotilde Cunha e José Delerue, foi para Salzburg e Munique, onde, durante seis anos, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, fez os cursos de Música Sacra, Órgão e Direcção de Coros, com os Professores Franz Lehrndorfer, Gunter Bialas, Fritz Schieri e Erich Valentim. Regressado ao Porto, em 1970, em concordância com D. António Ferreira Gomes, então bispo da diocese, lançou-se, com mais dois padres diocesanos, P.e Agostinho Pedroso e P.e Manuel Amorim, num projecto de serviço à Igreja e à Cultura, na área da Música Sacra e Litúrgica. Nesta perspectiva, tem estado na origem de diversas iniciativas artísticas e culturais, de que se destacam: o Coro da Sé Catedral do Porto, o Sollemnium Concentus (Agrupamento de Metais e Tímpanos do Porto), a Orquestra de Metais e Percussão do Porto, o Coro de Câmara da Cidade do Porto, o Curso Diocesano de Música Litúrgica, o Grande Órgão de Tubos da Catedral do Porto e o Grande Órgão de Tubos da Igreja da Lapa, Cursos diocesanos para a formação de animadores de Música Litúrgica, a Revista «Boletim de Música Litúrgica» (com 5 números por ano) e diversas acções de formação de música sacra no nosso País. É detentor da Medalha de Ouro da Cidade do Porto, da Grande Cruz de Oficial de 1.ª classe da Ordem de Mérito Cultural da República Federal da Alemanha e Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

SÍLVIA CORREIA MATEUS

Diplomou-se, com vinte valores, no Curso Superior de Canto, no Conservatório Regional de Gaia, na classe da Prof.ª Fernanda Correia, com quem continua a trabalhar. Obteve o primeiro prémio nacional de Canto da Juventude Musical Portuguesa, na classe até aos vinte e cinco anos, no ano de 1987/88 e o primeiro prémio no concurso nacional de Canto, Luísa Tody, em 1993. Representou os papéis de Belinda e Primeira Bruxa, da ópera *Dido e Aeneas,* de Purcell, de Rainha da Noite, da ópera *Flauta Mágica,* de Mozart, Lucy, da ópera *The Telephone, Carmina Burana,* de Carl Orff. Dedicando-se, também, à Oratória, interpretou o *Requiem,* de Mozart, a *Missa,* de Rossini, sob a direcção do Maestro Mário Mateus; a *Missa em Dó menor,* de Mozart, o *Magnificat,* de Bach, sob a direcção do Maestro Ivo Cruz. Colaborou em Concertos de Noites de Ópera, organizados pelo Círculo Portuense de Ópera, assim como várias actuações na Radiotelevisão Portuguesa. Recentemente, estudou, com o Prof. Paul von Schillawsky, interpretação de «Lied» e Oratória, em Salzburg, onde, com orquestra, interpretou árias de Oratória, dirigida pelo Maestro Ingo Herrmuller.

Faz parte do Grupo de Madrigalistas — Musica Reservata — tendo efectuado concertos em Barcelona, Roma, Milão, Florença, Heidelberg e por todo o País. Pertence ao Corpo docente do Conservatório Regional de Gaia.

ANTÓNIO SALGADO

Nascido no Porto, concluiu, em 1983, o Curso de Filosofia, na Universidade daquela cidade e o Curso Superior de Canto, no Conservatório Nacional de Lisboa, sob a orientação da Prof. Fernanda Correia. Em 1984, frequentou, no Sweelinck Konservatorium, em Amsterdão, um Seminário sobre interpretação e estilo da música vocal barroca, sob a orientação do Prof. Max van Egmond. Em 1989, terminou o Mestrado em «Lied und Oratorium», com a classificação máxima, apresentando a tese «Aus der Mythologie» — ensaio sobre a importância filosofico-poética da existência de uma temática mitológica grega, na obra de «Lied», de Schubert — tendo sido bolseiro no Bundesministerium für Wissenschaft und Forschung, de Áustria. De 1989 a 1992, frequentou o Estúdio de Ópera do Mozarteum, tendo recebido, para tal, uma bolsa da Secretaria de Estado da Cultura, de Portugal. Constam ainda do seu *curriculum* os cursos realizados com Nicolaus Harnoncourt, Sesto Bruscantini, W. Parker, C. Herzog, C. Prestel, L. Pablo, F. Lopes Graça, a actuação como membro solista do Grupo de Música Vocal Contemporânea e a realização de inúmeros concertos em Portugal, Brasil, Áustria, Alemanha, Itália, Checoslováquia e Noruega.

É actualmente Professor Colaborador da Secção autónoma de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Colaborou com o Teatro Nacional de S. Carlos e o Círculo Portuense de Ópera. Desempenhou os seguintes papéis: Fígaro, em *«Le Nozze di Figaro»* (Mozart); Don Alfonso, em *«Cosi fan tutte»* (Mozart); Leporello, em *«Don Giovanni»* (Mozart); Cassandro, em *«La finta semplice»* (Mozart); Baculus, em *«Der Wildschutz»* (Lortzing); Mr. Gobineau, em *«Medium»* (Menotti); Morales, em *«Carmen»* (Bizet); El Cimarrón (Henze); Prometheus, em *«Prometheus»* (W. Niessner); Masetto, em *«Don Giovanni»* (Mozart). Gravou para a RTP, Rádio e Televisão austríacas (ORF).

CORO DA SÉ CATEDRAL DO PORTO

Foi fundado, em 1971, pelo Cón. Dr. Ferreira dos Santos que concluíra, na Alemanha, os Cursos de Música Sacra, Órgão e Direcção de Coros, na Hochschule für Musik, de Munique. Foi instituído, em 1977, como associação, com personalidade jurídica, com a finalidade de promover o tesouro da Música Sacra e Religiosa Histórica.

Anima as grandes liturgias diocesanas, sobretudo na Catedral, e tem-se apresentado no País, particularmente no Norte, em concertos (mais de 300) de alto nível, quer «a capella», quer com agrupamentos corais e instrumentais.

(nomeadamente, o *Sollemnium Concentus*) e com várias Orquestras. Fazem parte do seu repertório obras cimeiras da arte musical, como a *Missa em Si menor*, a *Paixão segundo S. João*, o *Magnificat* e algumas *Cantatas* de J. S. Bach, a *Missa em Do menor*, o *Requiem* e a *Missa da Coroação* de Mozart, *Israel no Egipto* de Händel, *Missa da Criação* de Haydn, bem como obras polifónicas e corais sinfónicas de compositores europeus dos secs. XVI, XVII e XVIII. O Coro tem apresentado obras primas de grandes compositores portugueses antigos e modernos: *M. Mendes, F. Martins, L. Morago, D. Melgaz, M. Cardoso, M. Tavares, D. P. de Cristo, R. Esteves, A. Silva Leite* (Te Deum), *J. D. Bomtempo* (Requiem e Te Deum), *M. Faria* (Missa em honra de N.ª S.ª de Fátima), *F. dos Santos* (Requiem e Cantata da Criação) e um *autor portuense*, desconhecido, so séc. XVIII (um Magnificat). Recentemente, o Coro da Sé fez uma digressão cultural em Inglaterra e apresentou, com brilho, música sacra polifónica e coral-sinfónica portuguesa.

O Coro ensaia duas vezes por semana, durante duas horas, sob a orientação do Maestro Eugénio Amorim. A sua actividade tem sido apoiada por diversas instituições públicas e privadas, de que destacamos: a Secretaria de Estado da Cultura, o Governo Civil do Porto, a Câmara Municipal do Porto e a Fundação Calouste Gulbenkian.

O Coro foi distinguido com a Medalha de Mérito Cultural, pela Secretaria de Estado da Cultura, e com a Medalha de Prata da Cidade do Porto, pela Câmara Municipal do Porto.

EUGÉNIO AMORIM

Iniciou os seus estudos em S. João da Madeira, sua cidade natal, e concluiu, no Conservatório de Música do Porto, os Cursos Superiores de Piano e Composição. Em 1988, foi-lhe atribuída uma bolsa de estudo pela diocese de Würzburg (Alemanha), tendo aí obtido o Bacharelato em Direcção de Orquestra e a Licenciatura em Música Sacra (Órgão, Direcção de Coro e Orquestra...).

Actuou em concerto como Organista e Cantor, nas mais diversas formações instrumentais e vocais, quer como solista, quer como membro de grandes formações corais-sinfónicas, tendo abordado reportório que vai desde o canto gregoriano e música renascentista, até à música dos nossos dias. Como Maestro, dirigiu concertos em Portugal e na Alemanha, quer com Coro, quer com Coro e Orquestra.

E, actualmente, Maestro do Coro da Sé Catedral do Porto.

ORQUESTRA CLÁSSICA DO PORTO

A extinção da Orquestra do Porto, Régie Sinfonia, originou a imediata criação, pela Secretaria de Estado da Cultura, da **Orquestra Clássica do Porto**, com os mesmos instrumentistas, num quadro, entretanto, aumentado e acrescido de novos valores, contando, neste momento, com 52 instrumentistas permanentes. A sua primeira temporada iniciou-se a 6 de Março de 1993, no Teatro Nacional de S. João, no Porto. Suscitando uma sempre crescente adesão do público, a Orquestra apresenta-se, desde essa data, num mínimo de 2 concertos todas as semanas, sob a orientação do maestro-director titular, Dr. Manuel Ivo Cruz e de muitos outros maestros convidados, nacionais e estrangeiros, mantendo, simultaneamente, colaboração com um avultado número de solistas da mais alta craveira internacional. Destaque, também, para os concertos de descentralização, presenças em importantes Festivais de Música, em Espanha e França, bem como o apoio dinamizador às organizações locais e nacionais, promotoras de cultura. A colaboração que a Orquestra oferece aos estabelecimentos de ensino musical, traduzida na abertura dos seus quadros aos alunos mais aptos para realizarem estágios de alto nível profissional, é, igualmente, vista pela direcção, como um serviço a prestar, decorrente do compromisso assumido pela SEC para com a Região. A representação da ópera «Don Giovanni», de W. A. Mozart, inseriu-se num quadro de crescente valorização e diversidade de programas apresentados, tendo em vista um leque de escolha musical, por parte do vasto público que ocorre aos concertos.

A Orquestra complementa, ainda, a sua actividade, com a realização de trabalhos discográficos efectuados com o apoio da SEC, através da Direcção Geral dos Espectáculos. Além do CD «La Serva Padrona», já editado, a Orquestra gravou, para uma editora estrangeira, mais dois CD's inteiramente dedicados a compositores portugueses. Globalmente, este excelente agrupamento está a afirmar-se como um dos mais qualificados e eficazes instrumentos de cultura do Estado Português.

A Direcção da Orquestra Clássica do Porto
António Florêncio
Manuel Ivo Cruz

Colaboradores: Francisco Pires, Margarida Argel de Mello, Conceição Leitão, Emília Freire, Luísa Saraiva, Luís Faria, Alfredo Braga, Miguel Reis.

MANUEL IVO CRUZ

Maestro Director-Titular da Orquestra Clássica do Porto, terminou, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, o Curso de Direcção de Orquestra da Academia Mozarteum, da Universidade de Salzburg, com a mais alta classificação. De regresso a Lisboa, assumiu o posto de Maestro Director-Titular da Orquestra Filarmónica de Lisboa. Colaborou sempre activamente nas temporadas do Teatro Trindade e nas de Concerto das Orquestras Sinfónicas da RDP, Sinfónica do Porto e da Orquestra Gulbenkian. Com esta última, realizou digressões, em Portugal, África e Espanha. Tem-se apresentado em concertos e espectáculos de ópera, com muito êxito da cultura e do público, em Espanha, Alemanha, Estados Unidos, Grécia, Brasil, República Popular da China, Itália, Marrocos, Bulgária, Macau e França. Como maestro de ópera, tem sido Maestro-Director do Teatro Nacional de S. Carlos. O seu repertório inclui numerosas

óperas da programação tradicional e de compositores contemporâneos, tendo actuado, sob a sua direcção, alguns dos cantores da actualidade lírica mundial. Foi fundador e Director dos Cursos Internacionais de Música e Canto do Estoril. Em 1969, o Orpheon Portuense atribuiu-lhe o prémio Moreira de Sá. É Presidente e Director Artístico do Círculo Portuense de Ópera, da Ópera de Câmara do Real Theatro de Queluz e membro do Conselho Científico da Escola Superior de Música do Porto. Nos últimos anos, tem sido professor de Direcção de Orquestra e Estúdio de Ópera, nos Cursos Internacionais de Brasília e no Conservatório Regional de Gaia. Deu, além disso, cursos nas Universidades do Pará e em S. Paulo. Tem discos gravados, nas marcas Tecla e EMI.

É Oficial do Mérito Cultural e Artístico de França, da Ordem do Rio Branco (Brasil), Membro Honorário e Sócio Correspondente da Academia de Letras e Música do Brasil, Membro Individual do Conselho Português da Música e da *Conférence Européenne de la Musique* (CE), Fundador e Vice-Presidente do *«Observatoire Européen des Sciences, des Techniques et de l'Économie de la Musique»* (Bruxelas 1993), organismos comunitários da maior projecção europeia. Foi, recentemente, agraciado com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

SEMANA SANTA/96

CONCERTO CORAL SINFÓNICO

REQUIEM DE MOZART

Coral Sinfónico da Orquestra de Braga

Orquestra de Câmara do Distrito de Braga

Solistas: ELSA SAQUE (Soprano)
MANUELA CASTANI (Contralto)
CARLOS GUILHERME (Tenor)
OLIVEIRA LOPES (Baixo)
OLIVEIRA FERREIRA (Órgão)

Maestro: ANTÓNIO SOUSA BAPTISTA

Sé Catedral de Braga

Quarta-Feira Santa

3 de Abril de 1996 · 21.30 horas

Concerto patrocinado por:

FEIRA NOVA HIPERMERCADOS, S.A.

QUINTA DOS CONGREGADOS · BRAGA

PROGRAMA

MISSA DE REQUIEM DE MOZART

I

Introitus:	Requiem Aeternam
Kyrie Eleison	
Sequenz:	Dies Irae
	Tuba Mirum
	Rex Tremendae Majestis
	Recordare, Jesu Pie
	Confutatis Maledictis
	Lacrimosa Dies Illa

II

Offertorium:	Domine Jesu Christe
	Versus: Hostias et Preces
Sanctus:	Sanctus Dominus Deus Sabaoth
	Benedictus
Agnus Dei	
Communio	

W.A. MOZART

Nasceu em Salsburgo no ano de 1756.

Dos sete filhos de Leopold Mozart, Amadeus era o mais novo. Todos morreram na idade infantil, com excepção de Maria Ana mais conhecida por Narnel.

Se foi grande o desgosto pela morte dos seus cinco filhos, o sofrimento de Leopold foi dolcificado pelos talentos extraordinários que a providência concedeu aos dois sobreviventes. Quer Amadeus, quer Narnel eram crianças super-dotadas.

Num desejo de dar a conhecer ao mundo estas duas crianças prodígio, Leopold empreendeu uma série de viagens através das cidades e costas europeias. Com seis anos apenas, o pequeno Mozart a todos encantava não só pela execução segura dum repertório bastante vasto, como também pelas improvisações e composições que, de infantis, tinham muito pouco.

Este pequeno grande génio não precisou atingir a idade adulta, para se impor como uma das maiores figuras no mundo da Música. Adolescente ainda, já era um artista consumado.

Podemos dividir a sua vida em três períodos muito distintos:

* 1762 a 1771 — Fase das grandes viagens como menino prodígio;
* 1772 a 1780 — Compositor do Príncipe Arcebispo de Salsburgo;
* 1781 a 1791 — Actividade em Viena. Esta última fase reveste-se de um significado muito especial: Mozart renuncia a servir importantes senhores para sobreviver à sua própria custa. Não foi fácil a conquista da independência. Teve de enfrentar horas bem amargas.

Talvez pelo excesso da fadiga a que foi sujeito na fase da infância e adolescência, Mozart não gozava de uma saúde robusta. A debilidade foi-se acentuando cada vez mais a tal ponto que, aos trinta e cinco anos as hipóteses de sobrevivência eram nulas.

Embora debatendo-se com a morte que se avizinhava, Mozart, no último dia de vida legou à humanidade obras sublimes: o Motete Ave Verum Corpus, as óperas Clemência de Tito e Flauta Mágica, alguns Concertos e o sublime Requiem — Missa de Defuntos.

Esta última obra, encomenda do Conde Walsegg foi como o testamento de Mozart à posteridade. Não teve tempo de o terminar pelo que encarregou o seu discípulo Sussmayer de o levar ao fim. À meia-noite e cinquenta minutos do dia 5 de Dezembro de 1791, balbuciando o seu Requiem, entregou a alma a Deus.

Mozart fica na história como alguém que deu à Música um toque de divino. A perfeição, a beleza, a alegria e a delicadeza são os grandes atributos da Música imortal.

O Requiem é um autêntico grito de esperança e serenidade perante a Morte.

Maestro António Baptista

ELSA SAQUE — Soprano

Iniciou os estudos de piano na Academia de Amadores de Música, e de canto no Conservatório Nacional de Lisboa, aperfeiçoando-se com o professor Comendador Gino Bechi, em Palermo e em Florença (Itália) como Bolseira do Instituto de Alta Cultura. Para além das suas actividades no campo da ópera, dedica-se igualmente à oratória e ao lied, tendo colaborado em concertos promovidos pela Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional de São Carlos, Juventude Musical Portuguesa, Pró-Arte, Secretaria de Estado da Cultura e Festivais Internacionais de Música, levados a cabo em Portugal e no estrangeiro (Espanha, França, Itália, Alemanha, Suíça, Estados Unidos da América, Israel e Extremo Oriente).

Tem sido convidada para fazer parte de diversos júris de Concursos Internacionais de Canto, em Portugal e no estrangeiro, sendo de destacar a sua presença no júri comemorativo do 50.º Aniversário do Concurso Internacional de Canto de Genève de 1989.

Foi cantora residente do Teatro Nacional de S. Carlos desde 1975 até à extinção deste como E.P. em 1992, tendo desempenhado papéis principais do repertório nas diversas temporadas de ópera.

Pertence ao grupo dos Fundadores da «Ópera de Câmara do Real Teatro de Queluz».

Desde 1988 faz parte do corpo docente da Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa.

Obteve vários prémios nacionais e internacionais.

Foi agraciada com a Ordem Militar de Santiago de Espada (Dama).

MANUELA CASTANI — Contralto

Iniciou os seus estudos aos 15 anos no Conservatório de Argel, onde, em 1968, obteve o 2.º prémio de canto num concurso de declamação lírica daquela cidade.

Em 1979 passou a cantora residente no Teatro Nacional de S. Carlos onde interpretou até à data várias óperas: «Il Tabarro», Frugola, «La Sonambula», Teresa, «Guerras do Alecrim e Mangerona», D. Nise, «Madame Buterfly», Suzuki, «Die Walkirien», Roseweiss, «Giennis Schicchi», Ciesca, «Luísa Miller», Federica.

Em Novembro de 1980 foi finalista no Concurso Internacional de Canto Francisco Viñas, em Barcelona. Colabora em concertos promovidos pela Secretaria de Estado da Cultura em Portugal Continental e Madeira. Trabalha actualmente com o maestro Amador Cortês-Medina.

Manuela Castani foi distinguida com o prémio Verdi pelo 21.º Concurso Internacional de Canto Francisco Viñas, em Barcelona.

Nas últimas temporadas interpretou importantes papéis de repertório de meio soprano de entre os quais se destacam Laura de «La Gioconda», a protagonista de «La Cenerentola» e Italiana em «Argel», Adalgisa de «Norma», a parte respectiva do Requiem de Verdi, Amnéris na «Aida» e Rosina no «Barbeiro de Sevilha».

CARLOS GUILHERME — Tenor

Nasceu em Lourenço Marques onde iniciou os seus estudos musicais. Adquiriu grande popularidade como artista amador do Rádio Clube de Moçambique, tendo sido galardoado com o prémio da Imprensa de «Melhor Cantor do Ano» durante quatro anos consecutivos. Em 1970 foi eleito «Rei da Rádio Moçambicana».

Mais tarde, na então Rodésia, estudou canto com Greta Muir e estreou-se na ópera de Salisbury fazendo o papel principal de tenor na ópera «Um Baile de Máscaras» de Verdi.

Já em Portugal, estudou com John Labarge no Conservatório Regional do Algarve e em 1980 passou a integrar o quadro de cantores residentes do Teatro Nacional de S. Carlos, aí permanecendo até à extinção da Companhia em 1992.

Conta já no seu currículo com 28 papéis principais em outras tantas óperas, além de inúmeros secundários, recitais e concertos por todo o país.

No estrangeiro são de referir as suas actuações nos Estados Unidos, Brasil, Moçambique, China, Bélgica, Espanha e França, onde integrou a Companhia de Ópera de Câmara de Florença, desempenhando em sete cidades francesas o papel de Conde Almaviva na ópera «O Barbeiro de Sevilha» de Rossini.

Em 1993, ano em que o Teatro de S. Carlos comemorou duzentos anos, cantou três óperas, a saber: «Eugene Onegin» de Tchaikovsky, «La Spinalba» de Francisco de Almeida e «Falstaff» de Verdi, dirigido pelo famoso maestro Nello Santi, tendo logo de seguida cantado com êxito no Festival de Música de Macau.

Em 1994 cantou «Il Trionfo d'Amore», de Marcos Portugal no Centro Cultural de Belém, «Carmen» no Coliseu dos Recreios e, igualmente integrado no programa de «Lisboa 94, Capital da Cultura Europeia», participou na estreia moderna em S. Carlos de «As damas Trocadas» de Marcos Portugal e na estreia absoluta da ópera de Alexandre Delgado «O doido e a morte», segundo a peça teatral de Raul Brandão.

Já este ano cantou a ópera «Street Scene» de Kurt Weill na temporada de S. Carlos e fez o papel de Trouffaldino na ópera «O amor das três laranjas» de Prokofiev, a convite da New Opera of Tel Aviv, estando já convidado para novos papéis em Israel.

Ao longo da sua carreira tem cantado com importantes orquestras como a Sinfónica «Emeritus» de S. Francisco (Califórnia), a da Fundação Gulbenkian, R.D.P., Régie, a Clássica, a Metropolitana, a Sinfónica de Lisboa, a Orquestra de Câmara de Parma, a Sinfónica de Budapeste, a de Pequim, a Filarmónica de Moscovo e a Sinfónica de Israel.

Tem frequentado cursos de aperfeiçoamento de técnica vocal e interpretação com insígnes mestres com Campogalliano, Gino Becchi, Claude Thiolass, Marimi del Pozo e Regina Resnik.

É prémio Tomás Alcaide e possui ainda três troféus «Nova Gente», tendo vencido o concurso internacional de canto de Eistedfodd.

OLIVEIRA LOPES — Baixo-Barítono

Natural do Porto é desde a primeira hora colaborador assíduo do Círculo Portuense de Ópera de que é elemento fundador.

Detentor do Prémio da Casa da Imprensa Portuguesa foi distinguido, por unanimidade do júri, como o melhor intérprete de Lieder no XIX Concurso Internacional de Canto da Baviera, na Alemanha.

Distingue-o em Portugal o êxito das suas apresentações em público, levando-o igualmente com frequência aos centros musicais da Europa, América do Sul, África, Ásia e Estados Unidos.

Destacam-se as participações em todos os Festivais de Música Portugueses, bem como no Festival de Música Religiosa de Cuenca (Espanha), Comemorações Ravel de Brugges (Bélgica), Festival de Bydgosz (Polónia), Festival Art et Musique de Biarritz (França), Comemorações Brahms (Japão), Comemorações da Mozart Society em Detroit (EUA), Festival da Primavera de S. Paulo (Brasil).

Interpretou em cena, entre tantas outras, algumas das principais personagens de óperas como D. Alfonso em «Cosi fan tutte», Conde Almaviva em «Le nozze di Figaro», Albert, no «Werther», Sharpless em «Madame Butterfly», Scarpia na «Tosca», Orfeu de «Orfeu e Eurídice», Creonte em «Oedipus Rex», Magno Tcelio de «L'amour des trois oranges», Bartolo de «Barbiere di Siviglia». Desempenhou como actor e cantor o Apresentador do Filme-ópera «Os Canibais» de Manoel de Oliveira/João Paes. Foi também figura principal em outras óperas portuguesas como Arsénio da «Spinalba», Rei Ponto em «Variedades de Proteu» e Prisioneiro de «Em nome da paz». Convidado de todas as orquestras nacionais, foi igualmente solista da Manchester Camerata, Filarmónica de Pequim, Orquestra de Camera de Baltimore, Filarmónica de Moscovo, Sinfónica de Denver, Sinfónica de S. Paulo e Rio de Janeiro, Orquestra de Cordas de Lucerna, Filarmónica de Bogotá, Macau Sinfonieta, Westvlaams Orkest, etc. Tem vários discos gravados em colaboração com os pianistas Fernando Azevedo, Takashi Yamazaki, Noël Lee, Filipe de Sousa e com as Orquestras Gulbenkian, da Rádio Húngara e com a Sinfónica de Budapeste.

Regularmente toma assento em júris dos mais importantes concursos internacionais de canto, na Europa bem como os do Rio de Janeiro, Nova Iorque, Santiago do Chile e Pretória. É licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade Clássica de Lisboa.

ANTÓNIO SOUSA BAPTISTA — Maestro

António Sousa Baptista, nascido no concelho de Castelo de Paiva, em 1945, ali iniciou os seus estudos musicais, aos nove anos de idade, na Escola de Música local, com o Professor José Macedo.

Ingressou na Banda de Música da Região Militar do Norte como percussionista, e frequentou o Conservatório Nacional de Música do Porto nas classes de Fagote, Formação Musical e Clarinete, entrou na Orquestra Sinfónica do Porto como fagotista, tendo ocupado durante longos anos o lugar de solista B.

Tendo sido um dos fundadores do Collegium Musicum do Porto, como fagotista, tocou vários concertos a solo (alguns dos quais em 1.ª audição em Portugal), quer com este agrupamento quer com a Orquestra de Câmara do Porto.

A convite da Juventude Musical Portuguesa, foi aluno nos cursos orientados pelo professor Fink, da Academia de Música de Munique.

Foi Maestro da 1.ª Banda Juvenil num estágio organizado pelo FAOJ para Jovens Amadores de Música, no Porto, tendo este estágio como finalidade a descoberta de novos talentos para a vida musical.

Foi professor nas Academias de Música de Oliveira de Azeméis, no ensino oficial (escolas preparatórias), Director da Escola de Música de Freamunde e Fundador da Associação Cultural Segreis de Pedroso.

Dedicando-se à Música Coral, frequentou os Cursos Internacionais da Costa do Sol na classe de direcção coral tendo como professor o Maestro Mário Mateus.

Um ano depois, frequentou os Cursos de Rítmica e Percussão, tendo sido aluno do professor J. Robert, do Conservatório de Música de Madrid. Ambos os cursos foram frequentados com bolsa de estudo da FAOJ-(SEC). Estudou composição com o Professor Costa Santos, Análise Musical com o Professor S. Morais e Maestro Joly Braga Santos.

Foi fundador do Coral Polifónico do Mosteiro Beneditino de Pedroso, tendo com este e com a Orquestra Sinfónica do Porto gravado em disco a «Segunda Glória» de A. Vivaldi, assim como várias gravações para a Rádio.

Em 1984, foi nomeado Membro Honorário da Associação Musical de Pedroso.

Actualmente é Professor no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, nas classes de Orquestra e Coro, no Conservatório do Porto e na Academia de Música de Barcelos.

Desde a fundação da Orquestra Portuguesa da Juventude, tem sido membro do júri para selecção dos seus executantes, colaborando também como Professor nas sessões da referida orquestra.

Tendo-se dedicado à direcção de orquestra desde 1984, teve desde aquela data como Professor o Maestro Silva Pereira, vindo, desde então, a dirigir regularmente as Orquestras Sinfónicas da Radiofusão Portuguesa de Lisboa e Porto, a Orquestra de Câmara ARS NOVA da qual é Maestro Director e também seu fundador e a Orquestra do Norte.

Tem dirigido em França e em Espanha regularmente, tendo os críticos musicais deste último país tecido os melhores elogios ao seu trabalho.

Em 1991, dá início à Orquestra de Câmara do Distrito de Braga.

ORQUESTRA DE CÂMARA DO DISTRITO DE BRAGA

A existência da Orquestra de Câmara do Distrito de Braga resulta da feliz conjugação de vários factores: a existência de um Conservatório; a presença em Braga do Maestro António Baptista, como professor do Conservatório; a aceitação por parte de professores e alunos do Conservatório do repto lançado pelo Maestro para a constituição da orquestra; o apoio de algumas instituições à concretização do projecto, entre os quais se destacam o Conservatório e seus órgãos directivos, o Museu dos Biscaínhos — na pessoa da sua directora, Dr.ª Teresa D'Almeida D'Eça — e o Cabido da Sé Catedral — na pessoa do seu Deão, Monsenhor Eduardo Melo.

Em Março de 1991, realiza-se um Concerto Coral Sinfónico em que é executada a «Segunda Glória» de Vivaldi por um Coro de Alunos e uma Orquestra constituída por Alunos e Professores do Conservatório, no mesmo Conservatório. Estava dado o primeiro passo.

Em 18 de Maio de 1991, a convite da Dr.ª Teresa D'Eça, e já com o nome que lhe é devido, a Orquestra de Câmara do Distrito de Braga realiza um Concerto para jovens, com assinalável êxito.

E no ano artístico de 91/92, já é possível realizar 4 concertos, com o apoio de mecenatos locais:

— 13/12/91 — Escola de Música Calouste Gulbenkian de Braga — Concerto Sinfónico de Apresentação;
— 14/04/92 — Sé Catedral de Braga — Concerto Coral Sinfónico («Requiem» de Mozart), com o apoio do Cabido da Sé e à participação de um Coro de Alunos da Escola Gulbenkian e do Orfeão de Braga;
— 28/04/92 — Igreja de S. João da Foz - Porto — Concerto Coral Sinfónico («Requiem» de Mozart), integrado nas celebrações de homenagem à saudosa Dr.ª Madalena Azeredo Perdigão;
— 19/05/92 — Concerto Coral Sinfónico no Colégio de S. Caetano, em Braga, nas cerimónias do encerramento das Comemorações dos 200 anos da Instituição, com presença do Sr. Ministro do Emprego e Segurança Social.

Em 5 de Novembro de 1992, é feita a Escritura Pública do Estatuto da Associação designada «Orquestra de Câmara do Distrito de Braga», no 1.º Cartório Notarial de Braga.

Durante o ano de 92/93, já são 9 concertos:

— 18/12/92 — Sé Catedral de Braga — Concerto Coral Sinfónico/Natal 92 — «Magnificat» de Bach — com o patrocínio da Associação Industrial do Minho;
— 15/01/93 — Teatro Circo de Braga — Concerto Sinfónico —, com patrocínio da Câmara Municipal;
— 22/01/93 — Sé Catedral de Braga — Concerto Coral Sinfónico — «Requiem» de Mozart —, com patrocínio do Banco Comercial de Macau, por ocasião da abertura da agência deste banco, em Braga;
— 11/02/93 — Museu dos Biscaínhos - Braga — Concerto Didáctico pelo Octecto de Cordas da Orquestra;
— 19/02/93 — Escola de Música Calouste Gulbenkian - Braga — Concerto Sinfónico «Jovens Solistas», sendo solistas, alunos da mesma escola de música;
— 02/04/93 — Sé Catedral de Braga — Concerto Coral Sinfónico — Oratória «Messias» de Häendel — com o patrocínio da Empresa J. Gomes, nas comemorações do 25.º aniversário da mesma;
— 16 e 30/04/93 — Palácio D. Chica - Braga — Concertos de Câmara;
— 26/06/93 — Concerto Coral Sinfónico — Sé Catedral de Braga — com patrocínio do Cabido da Sé e «Amigos da Catedral».

Entretanto, em Dezembro de 92, tinha-se constituído o Coral Sinfónico da Orquestra e eram presença assídua nos concertos figuras como Isabel Maya, Isabel Malaguerra, Fernando Serafim e Oliveira Lopes.

E o ano de 93/94 vai assistir a 10 concertos:

— Sé Catedral de Braga: 5 concertos corais sinfónicos e 2 pelo Conjunto de Metais da Orquestra. É de destacar o Concerto de Natal/93 e 3 concertos de Semana Santa, num dos quais se executa o «Requiem» de Mozart e noutro o «Requiem» do autor bracarense Miguel Carneiro. Para a execução desta obra deste compositor bracarense vivo, formou-se um grande conjunto vocal constituído pelo Coral Sinfónico da Orquestra de Braga, pelo Coral de Lama - Barcelos e pelo Coral de Azurém - Guimarães.
— Auditório do Palácio de Exposições, em Braga: Concerto pelo Conjunto de Metais, na cerimónia de abertura do II Congresso Nacional de Dermatologia e Venerologia.
— Igreja de S. Lázaro, em Braga: concerto coral sinfónico.
— Igreja Matriz de Barcelos: concerto coral sinfónico, em colaboração com a Academia de Música de Barcelos.

O ano artístico de 94/95, traz uma agradável novidade para este projecto: a Secretaria de Estado da Cultura repara na actividade da Orquestra de Braga e atribui-lhe um pequeno subsídio. Em resultado disso e da continuação do apoio dos habituais patrocinadores, o ano completa-se com 22 concertos: 14 concertos corais sinfónicos, 3 concertos didácticos, 3 concertos para piano e orquestra, 2 concertos sinfónicos. Braga, Porto, Gondomar, Esmoriz, Caldelas, Cabeceiras de Basto e S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso) tiveram oportunidade de se comprazerem com tais concertos. Para lá dos tradicionais concertos de St. Cecília, Natal, Ano Novo e Semana Santa, destaca-se o seguinte:

— participação nas comemorações do Centenário da Presença dos Salesianos, em Portugal, com concertos em Braga e Porto;
— participação na inauguração do Monumento a Sta. Maria de Braga;
— participação nas comemorações dos 50 anos do Colégio de S. Miguel de Refojos - Cabeceiras de Basto;
— colaboração com o Grupo Coral de Esmoriz, nos concertos em Gondomar e Esmoriz.

Em termos de compositores e obras, sublinha-se a inclusão no repertório do compositor bracarense Joaquim Santos e de Marcos Portugal. Joaquim Santos desenvolve a sua fecundíssima actividade na sua terra natal — Cabeceiras de Basto e presenteia-nos regularmente com obras de extraordinário recorte artístico. De Marcos Portugal descobriu o Maestro António Baptista na Sé Catedral de Braga, o «Te Deum», obra que se considerava perdida, como de resto todas as composições litúrgicas deste autor do século passado.

Supõe-se que a Orquestra de Braga é a única instituição, a nível mundial, a possuir e a executar esta jóia da música litúrgica portuguesa, composta para coro, solistas e orquestra. Por tudo isto, desenvolvem-se esforços para que sejam realizados registos discográficos, o mais brevemente possível.

O ano de 95/96 arrancou com normalidade:

— 06/10/95 — Concerto Coral Sinfónico comemorativo das Bodas de Prata do Externato Paulo VI, na Sé Catedral de Braga;
— 25/11/95 — Concerto Sinfónico de Sta. Cecília, na Sé Catedral;
— 04/12/95 — Concerto Sinfónico de S. Geraldo, na Sé Catedral;
— 16/12/95 — Concerto Coral Sinfónico Natal/95, na Sé Catedral;
— 17/12/95 — Sé Catedral de Braga — participação na Liturgia das Bodas de Ouro do Sr. Arcebispo Primaz, com várias obras, entre as quais o «Te Deum» de Marcos Portugal;
— 06/01/96 — Concerto Coral Sinfónico, na Igreja Românica de Fonte Arcada (Póvoa de Lanhoso), no início das comemorações dos 150 anos da Revolução da Maria da Fonte;
— 22/03/96 — Concerto Sinfónico, no Conservatório de Braga, em colaboração com a Associação Académica da Universidade do Minho.

CORAL SINFÓNICO DA ORQUESTRA DE BRAGA

Nasceu em Dezembro de 1992, para aprofundar o trabalho que se vinha realizando na Escola de Música Calouste Gulbenkian de Braga e para dotar a cidade e a região de um coral que interpretasse obras de grande fôlego da musicografia universal.

Tem trabalhado em íntima conexão com a Orquestra, de cuja Associação faz parte integrante.

Desde a fundação, pela mão do Maestro António Baptista, integrou já no seu repertório, o «Magnificat» de Bach, «Requiem» de Mozart, a «Segunda Glória» de Vivaldi, o «Messias» de Häendel, o «Requiem» de Miguel Carneiro e o «Te Deum» de Marcos Portugal, para além de um lote amplo de peças de menor extensão.

Participou em concertos em que executou peças em conjunto com o Orfeão de Braga, o Coral de Azurém - Guimarães, e o Coral de Lama - Barcelos.

Actuou com solistas como: Isabel Malaguerra, Isabel Maya, Paula Dória, Margarida Magalhães, Cristina Gonçalves, Maria José Ribeiro, Paulo Lameiro, Fernando Serafim, Mário Anacleto, Emmanuel Henriques e Oliveira Lopes, entre muitos outros.

Cumprindo um dos seus mais gratos objectivos, lançou como solistas vários jovens componentes do seu próprio elenco, bem como outros convidados provenientes de várias origens.

É objectivo central do Coral continuar a colher no alfobre fecundo que é o Conservatório de Música de Braga e continuar a juntar a si o que de melhor há na cidade e na região, neste domínio, para que se continue a ter esta árvore fecunda e frondosa na arte do canto.

Textos e Coordenação:
António Fidalgo

Apoios para este Concerto:
Conservatório de Música de Braga · Jornal «Correio do Minho» · Hotel Turismo - Braga

HOTEL TURISMO

★ ★ ★ ★

BRAGA — PORTUGAL

A sua excelente localização e todas as facilidades que tem para lhe oferecer, torna-o a sua melhor opção em Braga.

Com 132 quartos totalmente equipados, o hotel dispõe, ainda, de salas de reunião; restaurante; bar e piscina.

Dispomos também de excelentes salões para o seu casamento.

Contamos com a sua preferência.

Praceta João XXI ★★★★ 4710 BRAGA
Telefone: 612200 ★★★★ Fax: 619756

Composição e Impresão:
EDITORA CORREIO DO MINHO/SM - BRAGA
Palácio de Exposições e Desportos
4700 BRAGA

Depósito Legal N.º 87515/95

1.500 ex.

Abril de 1996

CONCERTOS CORAIS SINFÓNICOS

SÉ CATEDRAL

Abril/96

21,30 horas

A Comissão das Solenidades da Semana Santa em Braga inclui representantes de:

CABIDO PRIMACIAL
CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA
IRMANDADE DA MISERICÓRDIA
IRMANDADE DE SANTA CRUZ
COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO VERDE MINHO
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE BRAGA

E conta com a colaboração e apoio de:

GOVERNO CIVIL DE BRAGA
CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA
CASA DE CULTURA
AMIGOS DA CATEDRAL
CLUBE DE FILATELIA DE BRAGA